

# USAIN BOLT E O CORPO MÁQUINA: ASSOCIAÇÕES E METÁFORAS NO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DO NISSAN GT-R

*Fabio Zoboli, Universidade Federal do Sergipe – UFS, Sergipe - Brasil*

*Jéssica Vitorino da Silva Terra Nova, Universidade Federal do Sergipe – UFS, Sergipe - Brasil*

*Suely Oliveira dos Santos, Universidade Federal do Sergipe – UFS, Sergipe - Brasil*

*Eduardo Carvalho Gomes de Menezes, Universidade Federal do Sergipe – UFS, Sergipe - Brasil*

## RESUMO

As metáforas do corpo com a máquina se transformaram historicamente sob as condições que as ciências/tecnologias lhes oportunizaram. Num primeiro momento a metáfora aparece sob a ótica do “relógio”, avança para o modelo da “máquina a vapor”, e, na contemporaneidade, assume a condição do “chip”. Sendo assim, tal artigo tem como objetivo analisar os elementos metafóricos de um anúncio publicitário capaz de conferir a relação entre corpo e máquina através da manipulação simbólica do atleta/velocista Usain Bolt e do carro superesportivo Nissan GT-R, respectivamente. Através de uma abordagem qualitativa do tipo descritivo exploratória, foi feita uma análise de produto midiático sob o método da “análise fílmica” partindo de quatro temas: 1) perspectivas mecânicas e anatômicas; 2) velocidade e aerodinâmica; 3) performance e suas tecnologias; 4) recordes, títulos e prêmios. Os resultados apontam que o anúncio suspenso para análise metaforiza o corpo de Bolt com a máquina pautado sob a ótica da anatomia e da fisiologia numa mescla com artefatos mecânicos e tecnológicos do Nissan GT-R.

**Palavras-Chave:** Corpo; Ciência e tecnologia; Anúncio publicitário; Usain Bolt; Nissan GT-R.

## USAIN BOLT AND THE MACHINE BODY: ASSOCIATIONS AND METAPHORS OF THE NISSAN GT-R COMMERCIAL

### ABSTRACT

The metaphors of the body as a machine suffered historical transformations under conditions given by science/technology. At first, the metaphor shows up as a “clock”, advances to a “steam engine” model and, at present, assumes the condition of a “chip”. So, this article aims to analyze the metaphorical elements of a commercial which establishes a relation between the body and the machine through the symbolic manipulation of the athlete/sprinter Usain Bolt and the super sportive car Nissan GT-R, respectively. Through a qualitative exploratory descriptive approach, was made an analysis of the media product using the film analysis from four aspects: 1) mechanical and anatomic perspectives; 2) velocity and aerodynamic; 3) performance and its technologies; 4) records, titles and awards. The results indicate that the commercial metaphorizes Bolt’s body as a machine

observed in the anatomical and physiological aspects, mixed with mechanical and technological artifacts of the Nissan GT-R.

**Key-Words:** Body; Science and technology; Commercial; Usain Bolt; Nissan GT-R.

## **USAIN BOLT Y EL CUERPO MÁQUINA: ASOCIACIONES Y METÁFORAS EN EL ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DEL NISSAN GT-R**

### **RESUMEN**

Las metáforas del cuerpo con la máquina se transformaron históricamente en las condiciones que las ciencias/tecnologías han brindado. En un primer momento la metáfora aparece bajo la óptica del “reloj”, avanza al modelo de la “máquina de vapor”, y, en la contemporaneidad, asume la condición de “chip”. De esta manera, el artículo tiene como objetivo analizar los elementos metafóricos de un anuncio publicitario capaz de conferir la relación entre cuerpo y máquina a través de la manipulación simbólica del atleta/velocista Usain Bolt y del carro superdeportivo Nissan GT-R, respectivamente. Mediante un abordagem qualitativo del tipo descriptivo exploratorio, fue hecho un análisis del produto mediático a través del “análisis fílmico” partiendo de cuatro temas: 1) perspectivas mecánicas y anatômicas; 2) velocidad y aerodinámica; 3) performance y sus tecnologías; 4) records, títulos y premios. Los resultados señalan que el anuncio analizado metaforiza el cuerpo de Bolt con la máquina de acuerdo con la óptica de la anatomía y de la fisiología en una mezcla con artefatos mecánicos y tecnológicos del Nissan GT-R.

**Palabras-Clave:** Cuerpo; Ciencia y tecnología; Anuncio publicitario; Usain Bolt; Nissan GT-R.

## INTRODUÇÃO

O Jamaicano Usain Bolt, recordista olímpico dos 100 e 200 metros, conhecido internacionalmente como o maior velocista de todos os tempos, foi a personalidade escolhida em 2012 pela Nissan – marca de veículos japonesa – para ser a estrela dos anúncios e promover a versão 2013 do “Nissan GT-R”, um carro superesportivo que chega a 100 km/h em apenas 2.84 s. Bolt, que desde criança já chamava atenção dos seus técnicos pela sua velocidade, tornou-se um ícone, uma “lenda viva” do esporte mundial. Dono de 6 medalhas olímpicas de ouro e detentor de vários recordes mundiais e olímpicos, Bolt possui uma linha própria de roupas em parceria com a Puma; o seu próprio relógio feito pela Hublot; o seu próprio fone de ouvido gama ‘Soul por Usain Bolt’; seu próprio restaurante ‘Tracks & Registros’, em Kingston/Jamaica; a “Fundação Usain Bolt”; e subscreve algumas das principais marcas do mundo. A partir dessas e outras ações conferidas por Bolt durante o auge de sua carreira, pode-se conferir a grande projeção da figura do atleta no âmbito publicitário.

A publicidade não mais como um sistema prioritário de informação – como foi na década de 1950 – mas, sim, de sedução, tem manipulado emoções e símbolos na venda de produtos de consumo. De acordo com Ferrés,<sup>1</sup> tais recursos, que não se encontram exatamente na esfera da racionalidade, recorrem a duas técnicas ainda vigentes: 1) a de jogar com os sentimentos de angústia e de culpa dos sujeitos; 2) a de recorrer ao prestígio de alguns personagens populares – como o caso em questão.

Conferir personalidade ao produto para que o consumidor adquira um signo identitário através dele integra o lema do jogo associativo, estratégia bastante frequente na publicidade televisiva. Busca-se, em cada caso, associar os valores do produto aos de alguma celebridade sob um viés emocional – não lógico. A celebridade transfere, assim, para o produto os valores da sua personalidade. Em mecanismos desta ordem entram em jogo processos emocionais localizados nas antípodas da racionalidade, mantendo-se distantes da consciência, portanto, adequando-se aos parâmetros dos mecanismos de sedução e governabilidade.

A utilização de famosos na publicidade tem sido uma tática de venda infalível. A prova de que os comerciais com tais personalidades funcionam pelo mecanismo da transferência

emocional encontra-se nos procedimentos que costumam ser utilizados para tal processo, certifica Ferrés<sup>1</sup>. Em muitos casos, depois que a celebridade é escolhida, são realizadas pesquisas a fim de observar quais são os produtos mais idôneos para ela, isto é, investiga-se com que tipo de produtos as pessoas a associam.

No anúncio publicitário proposto para a análise no presente artigo, o atleta Usain Bolt, o “homem mais rápido do mundo”, é assim associado a um carro superesportivo (Nissan GT-R) lançado em sua versão 2013. Ao explorar os elementos que compõem o objeto de análise, são perceptíveis as relações conferidas, através da linguagem e das imagens, principalmente do corpo (homem) com a máquina (carro).

É antiga a analogia conferida entre o corpo e a máquina. Atendo-se à constituição histórica do corpo, pode-se observar as alusões metafóricas conferidas ao corpo em relação à máquina: em um primeiro momento sob a ótica do “relógio” (corpo anatômico – as partes e o todo), avançando para o modelo da “máquina a vapor” (corpo fisiológico – movimento e combustão), e, na contemporaneidade, assumindo a condição do “chip” (corpo genético – sistema de informação e códigos). No esporte, tal alusão também é conjecturada na medida em que percebe o corpo humano enquanto um conjunto de engrenagens, processos mecânicos, físicos e químicos que devem funcionar em perfeita harmonia para atuar com eficiência e alcançar o desempenho desejado. Em outras palavras, o organismo humano é visto como um mecanismo complexo manipulável, podendo ser tecnicamente “melhorado” para além das suas aptidões “naturais” dos pontos de vista emocional (sentir), intelectual (pensar) e físico (agir). Nesse sentido, as ciências naturais (biologia, anatomia, fisiologia, física etc.) são tomadas como as principais aliadas para auxiliar na maximização do rendimento, e tal perspectiva relaciona o grande modelo de “corpo-atleta” ao de “corpo-máquina”, capaz de performances espetaculares.

Dito isso, tal artigo tem como objetivo analisar os elementos metafóricos do anúncio publicitário da Nissan capazes de conferir sentido a relação entre corpo e máquina através da manipulação simbólica do atleta/velocista Usain Bolt e do carro superesportivo Nissan GT-R, respectivamente. Sendo assim, o texto foi organizado em quatro momentos: a primeira parte foi reservada para a apresentação do atleta Usain Bolt; na sessão subsequente dissertamos sobre o aporte teórico que se diz respeito a tematização histórica

do corpo em suas metáforas, especificamente a que sugere o homem em consonância com a máquina; na terceira parte é realizada a descrição dos procedimentos metodológicos; por fim, aborda-se as congruências metafóricas entre “Bolt” e o “Nissan GT-R” conferidas sob o viés analítico do anúncio publicitário suspenso para apreciação.

## **USAIN BOLT: O HOMEM MAIS RÁPIDO DO MUNDO<sup>1</sup>**

Usain St. Leo Bolt, o maior velocista de todos os tempos, nasceu em Trelawny/Jamaica em 21 de Agosto de 1986. Após quebrar três recordes mundiais nos Jogos Olímpicos de 2008 (Pequim) e em seguida mais recordes na defesa dos mesmos três títulos nos Jogos Olímpicos de 2012 (Londres) tornou-se uma “lenda viva” por se tratar do único atleta a consagrar-se bicampeão consecutivo em todas as três modalidades disputadas em Jogos Olímpicos (100m, 200m e revezamento 4x100) até então.

Iniciando uma carreira esportiva no críquete, Bolt, o atleta mais dotado já visto no mundo, ainda criança já chamava a atenção de seus técnicos pela sua velocidade de arrancada. O técnico do seu colégio, William Knibb, percebendo o futuro promissor do garoto, o incentivou a deixar o críquete para ingressar no atletismo – daí por diante Usain Bolt trilhou rumo as suas principais conquistas. O anúncio de seu reconhecimento em termos mais globais, se deu pela primeira vez em Julho de 2002, no Campeonato Mundial de Atletismo Junior (Kingston). Com 15 anos de idade, o atleta venceu os 200 m (20,61s) conquistando a única medalha de ouro individual do país anfitrião, feito que lhe conferiu ampla visibilidade.

A partir de 2004 Bolt decidiu se profissionalizar ainda mais, porém ao enfrentar lesões na perna o atleta foi impedido de avançar em algumas competições importantes como, por exemplo, as Olimpíadas de Atenas (2004) e o Campeonato Mundial em Helsinki, Finlândia (2005). Dois anos mais tarde, o atleta conseguiu se recuperar e, no Mundial de Atletismo da IAAF, em Stuttgart (Alemanha), levou a medalha de bronze nos 200m rasos (20,1s). Em 2007, Bolt começou a disputar os 100m rasos em competições – até então sua

---

<sup>1</sup> Partes dessa sessão foram retiradas integralmente das seguintes fontes:

<http://www.infoescola.com/biografias/usain-bolt/>

<http://imeviolao.googlepages.com/biografia-usain-bolt.html>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Usain\\_Bolt](http://pt.wikipedia.org/wiki/Usain_Bolt)

<http://usainbolt.com/>

**Conexões:** revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 2, p. 54-82, abr./jun. 2015.

**ISSN:** 1983-9030

especialidade era apenas os 200m rasos. Já em sua primeira disputa o atleta conquistou medalha de ouro com tempo excepcional (10,03s) no 23º Encontro da *Vardinoyiannia*.

Em 2008, o atleta passou a reescrever os livros da história tornando-se uma das maiores estatísticas de esportes do planeta. No ranking das disputas dos 100m, em sua segunda corrida do ano, quebrou o recorde mundial (9,72s) em Nova York. A partir de então, o atleta tem caminhado “de vento em popa” para as conquistas heroicas nos Jogos Olímpicos de Pequim e Londres e no mundo de *IAAF T&F Championships* em Berlim, Daegu e Moscou. Por ter quebrado os recordes mundiais das três provas – de 100m três vezes (Nova York, 2008; Pequim, 2008; Londres, 2012), de 200m duas vezes (Pequim, 2008; Londres, 2012) e ainda o recorde do revezamento 4 x 100 (Pequim, 2008) – ficou reconhecido como o “homem mais rápido do mundo”.

Em agosto de 2013, venceu os 100 e os 200m no Campeonato Mundial de Atletismo em Moscou e o revezamento 4x100m, tornando-se o maior vencedor de mundiais de atletismo da história. Usain Bolt foi premiado com o *Laureus World Sports man of the Year* em duas ocasiões (2009 e 2010), foi o atleta IAAF masculino do ano cinco vezes (2008, 2009, 2011, 2012, 2013), além de conquistar vários prêmios em muitos países em todos os cantos do mundo. Em 2012, ano em que Bolt quebrou seu último recorde em âmbito mundial, a Nissan (marca de veículos japonesa) o escolheu para juntar-se ao GT-R, um carro superesportivo, em nova ação publicitária. Usain Bolt, antes de completar os 26 anos, tornou-se o “garoto-propaganda” do Nissan GT-R, obtendo peças publicitárias espalhadas por vários aeroportos do mundo.

## **O HOMEM E A MÁQUINA: O CORPO E SUAS METÁFORAS**

Com a intenção de entendermos melhor a relação entre corpo e tecnologia durante o transcorrer histórico da humanidade, passamos agora a apresentar sintética e brevemente algumas transformações científicas que pautaram esquemas de percepções que possibilitaram as metáforas do corpo com a máquina. Suspendemos tal temática com o intuito de refletir o domínio do corpo através das diversas técnicas e tecnologias em momentos históricos diversos.

Os primeiros filósofos denominados de pré-socráticos (ou filósofos da natureza) tentavam desvendar a origem do mundo e do homem para além das míticas divinatórias. A preocupação era no sentido de entender e explicar a natureza para tirá-la da “mão” e do domínio dos deuses. Neste sentido, é errôneo restringir a cientificização e tecnificação do corpo ao pensamento das tecnologias contemporâneas, pois, como afirma Vaz,<sup>2</sup> o controle/domínio da natureza – e, portanto, do corpo – é o principal e mais antigo alvo da civilização. As técnicas, domínios e formas de agenciamento deste perduram desde os tempos mais longínquos do ser humano até os dias atuais. Neste sentido:

Quando falamos de corpo tecnológico não falamos de um objeto de estudo exclusivamente atual em relação ao qual se torne fundamental estar *up to date*, pelo contrário, é importante perceber que esta interpretação que exige a atualização do corpo face à técnica e a atualização da técnica face ao corpo corresponde já a um processo tecnológico de agenciamento do corpo.<sup>3:31-32</sup>

No entanto, não podemos negar que os avanços mais consideráveis no que tange ao domínio do corpo e sua natureza começaram a surgir a partir do Renascimento – Idade Moderna. No início deste período, há um movimento de mudança nos modos de ver e pensar o mundo. Deus deixa de ser o centro do universo – teocentrismo – e o homem ocupa seu lugar – antropocentrismo. Para caracterizar essa permuta, o homem teve que tirar a natureza das mãos de Deus e então inventar técnicas para dominá-la e manipulá-la. Na menção de Fensterseifer,<sup>3</sup> dois personagens foram importantes nessa tarefa de conquista: “Primeiro, liberta-se a natureza do poder teológico e aqui Bacon é fundamental; segundo, liberta-se o homem da natureza e aqui aparece Descartes”.

Nessa época, houve a preocupação em explicar o organismo através das leis da Matemática e da Física, tentou-se explicar a vida de forma mecânica, ou seja, foi uma tentativa de reduzir os mecanismos vivos – principalmente e inclusive o corpo humano – a um sistema com várias peças e com uma lógica mecânica. Tudo que não era explicado por essas leis era considerado metafísico – ou seja, além das explicações da física.

A Idade Moderna se caracterizou por grandes revoluções em termos de conhecimento em todas as áreas. O grande empenho e curiosidade dos cientistas e inventores em saber como funcionam e como fazer funcionar as máquinas, os relógios, as válvulas, dentre outros, fez também surgir a imagem de corpo humano como uma máquina complicada e complexa. A

partir de então, o corpo humano passou a ser medido, dissecado, desenhado, enfim, passou a ser um grande objeto de experimentos.

Como nos menciona Sibilis,<sup>4</sup> por volta do século XV, cada vez mais as máquinas tomaram conta da vida social, inserindo produtos manufaturados em lugares onde permeavam o artesanal e o “natural”. Tais aparatos – tendo como ícone o relógio e suas engrenagens – passaram a maquinizar diversas funções e transferir seu ritmo e características para a sociedade e os corpos que nela habitavam.

Emanavam assim diversas ideias e metáforas surgidas do intuito de caracterizar o que realmente seria o ser humano/corpo, e do que seria formado. Neste sentido, Descartes “atualiza” a cisão corpo e mente – forjada por Platão. Foi Descartes que cindiu o homem em duas partes distintas: **o corpo** – uma máquina, ou seja, um objeto como qualquer outro e que portanto deveria ser examinado (dominado) pelo método científico; e **a mente**, que seria uma alma que pensa, sendo de origem divina.<sup>5</sup> Descartes, porém não conseguiu explicar como o objeto (corpo) e a alma (mente) interagiam, no entanto, para ele a existência de uma substância imaterial (a alma/mente) seria de extrema importância para a existência humana, sendo situada no cérebro.

A figura de Descartes é emblemática em mais de um sentido: no fecundo século XVII, ele se dedicou com igual ímpeto à filosofia. Seu *Tratado sobre o homem*, portanto, não poderia prescindir das inúmeras analogias de máquinas hidráulicas, relógios e autômatos na tentativa de definir o corpo humano.<sup>5:66</sup>

O mundo, até então regido por leis divinas, agora já poderia ser lido a partir das leis mecânicas oriundas da matemática e da física. Neste sentido, as leis estariam para o homem observar, descobrir, explicar etc. Nada mais importante para a medicina emergente do que desvendar “os mistérios” de Deus, deixando de lado os antigos reparos ligados à religião, para colocar as mãos no corpo anatomizado e examinar minuciosamente cada órgão, na tentativa de definir suas funções e seus atributos na complexa maquinaria do organismo humano.<sup>5</sup> Foi neste sentido que a anatomia desmembrou todo o corpo humano, tornando-o um conjunto de peças para explicar o todo pela soma das partes.

Até aqui podemos visualizar o corpo como metáfora de um mecanismo de relojoaria; um objeto como outro qualquer dado na natureza – como dizia Descartes – e formado por um



amontoado de peças, sendo que estas, separadas, poderiam explicar o corpo como um todo. Os cientistas da época focavam seus estudos nas peças e órgãos inativos – o corpo morto da anatomia – que faziam a tal máquina funcionar. Porém, perceberam que não era possível explicar exatamente o funcionamento da vida em um corpo desprovido de alma; afinal, era o polo imaterial e divino (a alma) “as cordas” que davam vida ao “fantoche” (o corpo).

No entanto, nos conta Sibilía,<sup>5</sup> tais estudos foram base para uma revolução do pensamento acerca do ser humano/corpo e seu funcionamento biológico funcional:

[...] o médico inglês William Harvey – tido como fundador da fisiologia moderna – reuniu vários desses achados anatômicos e os combinou com observações de pacientes e animais vivos para desvendar os enigmas da respiração e da circulação do sangue, suscitando uma verdadeira revolução no pensamento acerca do homem.<sup>5:69</sup>

Começa a partir de tais descobertas a analogia do corpo com a máquina a vapor – locomotiva – e tal relação entre corpo e máquina foi levada até as últimas consequências pelo médico francês Julien Offray de La Mettrie. Foi ele quem explanou com veemência que o corpo era uma máquina composta por um amontoado de órgãos e músculos, e descartou a ideia dualista de Descartes, pois La Mettrie acreditava que o homem era formado apenas por uma substância – a material corpórea – não havendo qualquer prova de que a tal da substância espiritual existia. Sendo assim, não seria possível estabelecer nenhuma diferença entre o homem e o animal. Se para Descartes os animais eram meros autômatos governados por leis da física, para La Mettrie o homem também era um autômato.<sup>5</sup>

Mendes,<sup>5</sup> descreve de forma sintética como se deu a transição da visão mecanicista de corpo do modelo de relógio para o protótipo da máquina a vapor:

No século XIX, o modelo de máquina que influenciava a fisiologia mecanicista era o da máquina a vapor, utilizado por Lavoisier. A máquina animal é, então, considerada governada por três reguladores principais: a respiração, a transpiração e a digestão, diferenciando-se dos modelos dos relógios, como ocorria na fisiologia mecanicista do século XVII, quando os astros, as pedras e os seres estavam submetidos às leis do movimento. Até o século XVIII não existiu uma fronteira definida entre os seres e as coisas. As forças físicas e não as mágicas explicavam os aspectos da fisiologia. Entretanto, no século XVIII a fisiologia é influenciada pela química e incorpora o mundo das substâncias.<sup>5:71-72</sup>

Parece que o destino da humanidade, enquanto máquina, realmente estava (pelo menos até então) inscrito nos seus órgãos – na sua anatomia e fisiologia. No entanto, com o desenvolvimento da tecnologia e suas mudanças de paradigmas, a visão de corpo e a relação dele com a tecnologia mudou esse panorama. Na menção de Sibilía,<sup>5</sup> a ordem e a visão mecânica que regiam o mundo e o corpo pelas leis da física e da química aos poucos foram dando lugar a outras formas e fundamentação; o corpo agora não seria reduzido à máquina – amontoado de peças. O ser humano seria, então, um feixe de informações, no qual o destino da humanidade estaria inscrito numa estrutura minúscula do corpo: os genes – o homem informação.

Se no alvorecer da Revolução Industrial qualquer forma de vida seria comparada à máquina, agora qualquer forma desta seria uma soma organizada de informações/mensagens.<sup>6</sup> O desenvolvimento das ciências – da eletrônica até a biologia molecular – possibilitou o território de domínio da técnica, transpor as leis da física clássica; o domínio agora seria em escala atômica, molecular, ou seja, nas estruturas mais profundas e minúsculas do ser humano.

O sujeito dissolve-se em seus componentes elementares, é um feixe de informações, uma série de instruções que visa a seu desenvolvimento. As antigas perspectivas do humano dissolvem-se por não encontrar mais um sujeito em seu caminho, mas genes ou informações – uma nebulosa significativa, mas cujo rosto é diferente.<sup>7:102</sup>

Quanto a essa mudança de metáforas, Sibilía<sup>5</sup> enfatiza que: “A mutação metafórica não é tão sutil como parece, e suas implicações podem ser tão vastas (ou tão íntimas) quanto o próprio homem”. Outro sistema de significação que vem configurar a metáfora do corpo com a máquina/tecnologia sai de cena a anatomia e a fisiologia e entra a genética, que metaforiza o corpo a um chip. O corpo agora é visto como um sistema de informação e códigos transportáveis e reproduzíveis. De forma geral, podemos considerar o seguinte: com a anatomia e a física clássica veio a analogia do corpo a um relógio; com a fisiologia moderna veio a analogia com a máquina à vapor e com a engenharia genética, a biotecnologia e a informática veio o corpo equiparado a um computador. Sendo assim, respectivamente o corpo foi reduzido ao seu conjunto de membros e órgãos; depois aos seus sistemas (respiratório e circulatório) e depois a sua molécula de DNA.

Em 1995, foi feita uma descoberta de suma importância para essa nova visão de corpo e domínio das técnicas e tecnologias sobre ele: a molécula de DNA (ácido desoxirribonucleico – ADN em português). Essa estrutura é um conjunto de moléculas que possuem as instruções genéticas de cada ser vivo, “[...] o texto bioquímico que codifica as especificações para a gênese de cada indivíduo”.<sup>5</sup> Os cientistas também descobriram que a maneira pela qual a informação genética de cada indivíduo era armazenada, e como tais informações eram passadas de uma geração para outra – hereditariedade.

A linguagem decifrada há menos de cinquenta anos é universal: todas as células de todos os seres vivos contêm um “manual de instruções” escrito no mesmo código, o que lhes permite reproduzir-se conservando intacta a sua informação genética. O código é idêntico para todos os seres vivos, enquanto as instruções nele escritas variam para cada espécie: em cada caso, elas conformam um conjunto específico de informações chamado *genoma*.<sup>5:75-76</sup>

A partir de tais descobertas surgiu o ambicioso “Projeto Genoma”, que consiste em localizar as cadeias de elementos que formam o DNA, bem como determinar a localização dos genes do ser humano.<sup>7</sup> O objetivo disto seria construir uma enciclopédia de referência para a biologia e medicina do futuro,<sup>7</sup> ou seja, novas formas de domínio e manipulação do corpo.

Definitivamente, trata-se de uma brusca mudança de paradigma tecnocientífico, que acabou deixando no passado o mundo mecânico da física clássica e a sua natureza laboriosamente domesticável. Na tecnociência de perspectiva fáustica, pelo contrário, a natureza é decomposta e recriada, não mais de acordo com um regime **mecânico-geométrico**, mas segundo o modelo **informático-molecular** [grifos da autora].<sup>5:77</sup>

As técnicas responsáveis por esse novo tipo de domínio do corpo se dão através da relação entre biologia molecular e engenharia genética,<sup>5</sup> bem como a biologia e a informática.<sup>7</sup> A citação abaixo, nos mostra exemplos das relações entre tais áreas da tecnociência, e da hibridização do metal seco com o silício úmido:

[...] os dispositivos em desenvolvimento são autênticos exemplos de uma hibridização profunda, que mistura matérias orgânicas e inorgânicas nos próprios aparelhos utilizados nos laboratórios. Já existem, por exemplo, os chamados *biochips* ou *wchips* (chips úmidos). Trata-se de um novo tipo de microprocessador, em cuja composição intervêm **circuitos eletrônicos e tecidos vivos**. As duas classes de componentes se conectam logicamente e intercambiam dados, porque ambas operam com a mesma lógica: a da informação digital. [...] Cientistas israelenses descobriram que uma molécula de DNA [...] é capaz de armazenar bits e processar instruções lógicas, podendo integrar os circuitos de um computador.<sup>5:80</sup>

O fato de a tecnociência considerar que o fundamento da vida está imbricado em uma sequência de códigos, instruções digitais, a tendência virtualizante da teleinformática (um dos ramos da tecnociência) privilegia o polo imaterial do velho dualismo cartesiano, potencializando a mente (*software*) e querendo se desvencilhar das limitações do corpo (*hardware*). Assim, é comum esse discurso entre os mais entusiasmados cientistas e artistas da cibercultura; esse discurso – paradoxal – de exclusão do corpo e potencialização da mente, como nos denuncia Sibilia.<sup>5:84-85</sup>

No mundo volátil do software, da inteligência artificial e das comunicações via internet, a carne parece incomodar. A materialidade do corpo é um entrave a ser superado para se poder mergulhar no ciberespaço e vivenciar o catálogo completo de suas potencialidades. [...] surge assim, paradoxalmente, no cerne de uma sociedade em feroz corrida tecnológica, avidamente consumista e adoradora da “boa forma” física, um novo discurso do impulso à materialidade corporal.

Esse novo paradigma científico de compreender o mundo como uma rede de informação, e o corpo/ser humano como pura informação (DNA), fez com que alguns pensadores desse fenômeno remetessem certo neocartesianismo *high-tech*, em que a oposição corpo-alma seria “atualizada” para o binário *hardware-software* [corpo-mente], sendo que a balança pesaria mais para o lado do software [ou da mente enquanto pensamento cognitivo].<sup>5</sup> Entretanto, o corpo em seu conceito físico, como tudo aquilo que existe e tem massa, volume e movimento, não é descartado; a interdependência é fatal. No caso da relação entre *hardware* e *software*, o segundo é dependente do primeiro para existir e funcionar e vice-versa. O *software* necessita de uma base física e energética capaz de agir como código binário que consiste em uma sequência de pulsos elétricos oscilantes. Cada código é uma série fixa ou conjunto delimitado de intensidades ou quantidades variadas entre impulso e/ou repouso, ou 0 (0 volts) e/ou 1 (5 volts) (*bit*), respectivamente, chamados de *bytes*.

Em suma, o *software* consiste em uma ou mais sequências lógicas – organização – de quantidades elétricas em volts, de modo que necessita do *hardware* ligado a alguma fonte emissora de eletricidade. Quando a eletricidade circula no processador – *hardware* – a mesma deixa de ser uma energia constante e invariante para então oscilar entre sequências de 0 volts (0 bit) e 5 volts (1 bit) ou conjuntos binários que formam os *bytes*. Por outro lado, o *hardware* necessita do *software* para funcionar enquanto tal, isto é, fazendo variar as quantidades binariamente entre 0 ou 1. Sem o *software* não apresenta comportamento de computador ou de cálculo, permanece como um corpo sem pensamento. A energia ou

pulsações elétricas podem dentro dele circular, mas não irá gerar código: sequências agrupadas de variações de intensidades de energia. Assim, o computador é muito semelhante a uma comunicação por batidas em um tambor musical. Uma sequência de batidas que não apresenta variação de quantidade não gera código. Contudo, uma sequência variada entre batidas fortes, fracas, mais fortes e mais fracas podem gerar código e comunicação.

Metaforicamente a molécula de DNA seria como um *software* – no analogismo mecânico a mente/alma – de um computador/*hardware* – no analogismo mecânico o corpo/máquina – a ser decifrado. Se para Descartes o segredo da vida estava na alma/mente e decifrá-la/explicá-la seria praticamente impossível, afinal sua natureza era divina, para alguns cientistas e artistas de hoje, o DNA é a essência da vida do ser-humano, e o objetivo deles é decodificá-lo e livrar o ser humano de sua precariedade enquanto corpo. Não obstante, intervir no código genético – no *software* – significa alterar o funcionamento lógico ou organização da base material – *hardware* ou corpo –; as cadências energéticas que formam códigos. Nota-se, portanto, que para intervir no corpo, no *hardware* ou no gene não se manipula o corpo, mas sim o modo de organização ou lógica de circulação e interação entre os pulsos energéticos. Contudo, há outro problema, que certamente seja o motivo dos avanços tecnológicos para além dos progressos lógicos. Todas as vezes que alteramos os modelos lógicos que organizam as energias passamos a testar os limites dos suportes energéticos. Ou seja, quando um *software* novo é criado, mais complexo e dinâmico, pode ser que os *hardwares* existentes não sejam capazes de suportar sua lógica, necessitando a construção de novas bases materiais compatíveis com a nova inteligência artificial.

Podemos afirmar que só nós temos corpo, e este está na linguagem, no mundo (não é um “dado”). É possível assim termos vários corpos, e eles se constituem para nós em conquista, da mesma forma que o homem conquista o seu próprio ser.<sup>7:293</sup>

Em outras palavras, na medida em que a mente humana, que atualmente recebe ajudas dos *softwares* de computadores, vislumbra novos modos de ser, novas maneiras de organizar a vida, outras formas de pensar, ela também necessita criar e construir corpo capazes de suportar lógicas nunca antes vivenciadas. Se assim não fosse, a indústria do *hardware* estaria estagnada e falida. Mas, é a dialética entre *hardware* e *software* que a faz se mover. A partir desta elucidação do domínio do corpo pelas diversas ciências, técnicas e tecnologias em suas respectivas épocas, percebemos que o processo de hibridização e

domínio/controlado dele não pertence apenas à contemporaneidade. Cada período gerou esquemas de percepções que deram sentido a visão de mundo e de ser humano em cada época. Reinventar tais percepções que envolvem o corpo é parte da criação de novas metáforas para se olhar para o mesmo – uma reeducação do olhar. Isso tudo, porém, é própria e inerente da condição humana, condição que reiteramos só existir *na e pela* linguagem.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Preocupados em compreender as relações factuais imbricadas no produto midiático (anúncio publicitário) com o contexto em questão através da descrição, decodificação e interpretação de um sistema complexo de significados, optamos pela abordagem qualitativa do tipo descritivo-exploratória. Conforme Minayo,<sup>8</sup> a abordagem qualitativa permite que o pesquisador aprofunde seus estudos – no mundo dos significados das ações e das relações humanas.

Na área de Educação Física, tal estudo também pode se caracterizar como uma pesquisa de análise de produto midiático que é empregada:

[...] quando se procura acompanhar determinado veículo midiático e detectar/compreender seu conteúdo e seu discurso, com suas possíveis intenções – por exemplo, acompanhar, seja pela internet, ou pela mídia impressa ou mesmo por algum programa televisivo, os discursos, os sentidos e as representações de um grande evento esportivo.<sup>9:202</sup>

O anúncio publicitário escolhido para a análise trata-se do comercial que veiculou a campanha mundial da Nissan para o lançamento do carro GT-R, denominada "What If..." ("E se..."), protagonizada pelo atleta/velocista Usain Bolt. O filme publicitário com 1m29s de duração é apresentado a partir de uma sucessão de imagens estáticas que mostram Bolt e o GT-R juntos numa mesma "cena" ou alternados, em "cenas" diferentes.

O vídeo é apresentado a partir de 21 imagens subsequentes, aqui agrupadas e organizadas em 6 Figuras. Destas 6 figuras elencamos 4 temas que compõem a nossa análise: 1) perspectivas mecânicas e anatômicas; 2) velocidade e aerodinâmica; 3) performance e suas tecnologias; 4) recordes, títulos e prêmios. Algumas das imagens/fotografias utilizadas para constituir a cena visual se repetem, mudando apenas o pequeno texto que as

acompanham. As 2 primeiras Figuras fazem somente alusão à comparação do atleta ao carro, as 4 subseqüentes metaforizam Usain Bolt ao contexto da máquina, apontando temas que nos permitiram proferir tais metáforas.



**Figura 1:** Anúncio publicitário suspenso para análise: Usain Bolt vs Nissan GT-R

**Fonte:** Recorte e manipulação do anúncio feita pelos autores.

Para efetuar a análise de um produto publicitário/midiático, uma série de métodos é comum: análise do discurso; análise de conteúdo; análise estrutural da imagem; análise da mensagem linguística, análise semiótica e outros. Por se tratar de um anúncio exibido na mídia televisiva, configurando-se em forma de vídeo (filme publicitário), optamos por considerar parte dos procedimentos sugeridos por Vanoye e Goliot-Lété<sup>10</sup> para análise fílmica – que não escapa aos preceitos pautados pelos demais métodos supracitados. Tal escolha se deu pela identificação aproximativa entre os elementos que constituem um vídeo publicitário e um filme.

Para esse tipo de análise, Vanoye e Goliot-Lété<sup>11</sup> propõem uma desconstrução (descrição) e reconstrução (interpretação), portanto se configura em dois momentos. No primeiro observa-se que:

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente — a olho nu, pois se é tomado pela totalidade. [...] Essa desconstrução pode naturalmente ser mais ou menos aprofundada, mais ou menos seletiva segundo os desígnios da análise.<sup>11:15</sup>

O segundo momento manifesta que devemos:

[...] estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir o filme ou o fragmento. É evidente que essa reconstrução não apresenta qualquer ponto em comum com a realização concreta do filme. É uma - criação totalmente assumida pelo analista, é uma espécie de ficção, enquanto a realização continua sendo uma realidade. O analista traz algo ao filme; por sua atividade, à sua maneira, faz com que o filme exista.<sup>11:15</sup>

Após transitar pelos momentos propostos pelo método, optamos por não ficar tão restritos aos aspectos técnicos (cores, angulação e posicionamento das imagens, plano de fundo, sonorização, fontes etc.), na medida em que se pretende identificar na construção do anúncio (filme publicitário) os elementos que nos propiciam constituir analogias referentes ao “corpo-máquina”.

O vídeo apresenta uma relação do atleta Usain Bolt com o Nissan GT-R. Ao identificar que os registros visuais, imagens fotográficas/estáticas – mediadas por transições e elementos textuais –, compuseram a maior parte do anúncio, optamos, na descrição, por dividi-las e reorganizá-las em seis grupos, ou seja, simplificamos o anúncio em seis figuras, pensadas a partir da verossimilhança entre elas e da praticidade interpretativa no momento posterior das análises. Tal tarefa está relacionada ao que Vanoye e Goliot-Lété<sup>11</sup> enfatizaram enquanto momento inicial, citado acima.

Constituindo o segundo momento das análises, as interpretações conferidas às metáforas sob tal perspectiva foram pensadas a partir das comparações identificadas e pautadas sob quatro temáticas já explicitadas anteriormente. Valendo-se de tais prerrogativas estabelecidas, a análise de tal produto publicitário/midiático segue através de algumas relações concatenadas entre registros visuais e simbólicos amparados por uma linha limítrofe: as metáforas entre corpo e máquina (Usain Bolt x Nissan GT-R).

## **USAIN BOLT X GT-R: ANÁLISE DO PRODUTO MIDIÁTICO – ANÚNCIO PUBLICITÁRIO**

A fim de alcançar o objetivo desse estudo, a efetuação da análise foi regulada sobre as pontes estabelecidas pela análise fílmica, primeiro no sentido da fragmentação e descrição do “filme publicitário” e, por conseguinte, da reconstrução e interpretação do mesmo.



Sendo assim, a análise a seguir encontra-se dividida em duas fases, que segue, de modo a contemplar separadamente cada uma das considerações.

### **1ª Fase: Descrição do anúncio “What\_If...”**

Percebendo tais aproximações e ligações entre a teoria e ao anúncio, a análise foi pensada partindo de quatro temáticas descritas acima e a partir destas foram conferidas as relações metafóricas. A análise fílmica que propõe a interpretação enquanto possibilidade de reconstruir o anúncio a partir das significações conferidas a partir do contexto que se apresenta é aqui mais uma vez lembrada, pois se trata do método escolhido para guiarmos na proposição da respectiva análise.

Como explicitado pelos procedimentos metodológicos, trata-se de um comercial que veicula a campanha mundial da Nissan para o lançamento do carro GT-R protagonizada pelo atleta/velocista Usain Bolt. O filme publicitário com 1m29s de duração é apresentado a partir de uma sucessão de imagens estáticas – 21 no total – que, quando não alternadas entre o Bolt e o GT-R, os mostra juntos numa mesma “cena”. Acompanhado por uma sonoplastia esportiva/radical (que alude a muita adrenalina), transações e alguns elementos textuais, que ora remetem às características do atleta, ora às características do carro superesportivo. Algumas das imagens/fotografias, utilizadas para constituir a cena visual se repetem, mudando apenas o pequeno texto que as acompanham.



**Figura 2:** Usain Bolt vs Nissan GT-R

**Fonte:** Recorte e manipulação do anúncio feita pelos autores.

## **2º Fase: Reconstrução do anúncio (Interpretação)**

O ato de jogar com as emoções do receptor, canalizando-as para a compra do produto compõe as técnicas vigentes no processo de criação publicitária. A fim de estabelecer novas propostas de venda, a publicidade procura concentrar-se no receptor e não no produto, ou seja, ao invés de oferecer argumentos racionais para efetuar a compra, basear os anúncios nas qualidades intrínsecas ou valores funcionais do produto, procura-se anunciá-lo a partir de associações a valores emocionais do receptor. Neste sentido, a figura da celebridade é utilizada como estratégia de provocação de modo a gerar uma identificação ou uma projeção de si (receptor) no produto. Segundo Férres:<sup>1:203</sup>

[...] nada atrai mais as pessoas do que elas mesmas, a publicidade não vende outra coisa a não ser projeções do próprio sujeito. Os personagens dos anúncios não deixam de ser isso, já que a sua função é provocar identificações e projeções. E também são projeções de nós mesmos os objetos, já que o seu objetivo é que se transformem em prolongamentos de nós mesmos, em próteses, em compensações. [...] A maioria dos produtos não são comprados para satisfazer necessidades físicas, mas psicológicas, emotivas: desejos e temores, geralmente criados de maneira artificial.

O jogo do tipo associativo ao recorrer às personalidades famosas visa promover os produtos a partir da transferência dos valores emocionais dos modelos. Usain Bolt, uma figura esportiva, recordista mundial, o homem mais veloz do mundo etc., atribui alguns de seus valores ao produto que, através do anúncio que se pretende interpretar, almeja ser amparado pelo consumidor que simbolicamente será seduzido por meio de uma possível identificação transferível. A comparação reluzente conferida ao homem à máquina reflete uma analogia que é antiga. Um corpo-objeto, altamente manipulável, operado a partir de uma lógica de produção técnica-científica, compõe a ideia que excita a vontade humana de superar os limites naturais.

Na especulação dos sentidos simbólicos transpassados no comercial trazemos à tona os significados que, por ora, relacionam-se às experiências implícitas na nossa subjetividade. Os valores transmitidos no comercial através da figura do esportista ofereceram os subsídios para pronunciarmos as metáforas. Para Le Breton<sup>11:232</sup> o valor é

[...] para o sujeito, a interiorização do juízo social que cerca os atributos físicos que o caracterizam (bonito/feio, jovem/velho, grande/pequeno, magro/gordo etc.). Segundo sua história pessoal e a classe social no seio da qual ele estrutura sua relação com o mundo, o sujeito faz de um juízo

que marca então com sua impressão a imagem que ele se faz de seu corpo e a estima que ele tem por si.

Partindo de tais valores é possível sucumbir a algumas prerrogativas da relação do corpo com a ciência/tecnologia e por consequência do avanço da performance esportiva e da analogia do corpo com a máquina. Deste modo, afirmamos que a invasão da “tecnociência” – iniciada a partir do cientificismo de Descartes – foi a base fundante que permitiu a manipulação e dominação do corpo e os avanços no sentido performático do mesmo. O corpo passa a ser dominado por inúmeras técnicas que exerceram sobre ele relações de poder, pois, como relata Silva,<sup>11</sup> a transformação do corpo em algo que pode ser conhecido e mensurável é, também, sua transformação em algo que pode ser dominado. Essa dessacralização do corpo, diz a autora, aponta para sua ambiguidade no interior da cultura ocidental: é importante enquanto fonte de experiência, mas é, também, o corpo que se desvaloriza na medida em que se pode mexer nele e alterá-lo.

“What If\_you had no competition?” (E se você não tivesse concorrência?), a primeira frase que aparece no anúncio, confere-nos à alusão da principal ideia, do principal sentido que guiou a construção do anúncio. A ideia de concorrência, conferida pelo atleta e pelo carro superesportivo é construída, ou melhor, desconstruída continuamente a partir das características de ambas colocadas em níveis equiparados que, dando ênfase à impossibilidade concorrente, potencializa as metáforas entre o homem e a máquina.

O primeiro agrupamento (FIGURA 3) composto por quatro imagens subsequentes do vídeo anunciam as primeiras minúcias sobre qualidades intrínsecas tanto da celebridade quanto do produto. Por sua vez, tais características apresentadas nos remetem à primeira temática aqui metaforizada a partir das leis mecânicas aludidas por Descartes que, submetido a ideias cindidas entre corpo e mente, compara o corpo humano a uma máquina complexa e complicada. Na fala de Descartes, citado por Le Breton<sup>12</sup> – “Eu me considerei primeiramente como tendo um rosto, mãos, braços, e toda essa máquina composta de ossos e de carne, tal como ela aparece em um cadáver, a qual designei pelo nome corpo” – vemos o corpo percebido como um amontoado de peças, devendo ser dominado e examinado por métodos científicos pela qual submerge a anatomia na tentativa de definir o funcionamento de um conjunto a partir do entendimento sobre as partes que se somam.



**Figura 3:** Mecânica-Anatomia/combustão-movimento

**Fonte:** Recorte e manipulação do anúncio feita pelos autores.

O motor e as fibras musculares foram dois dos elementos colocados em foco nas imagens que se mostram. Enquanto possuidores de atributos mecânicos, o motor possui a função de transformar combustível em energia capaz de gerar movimento nas rodas, enquanto os músculos, da mesma forma, transformam energia química em energia mecânica, produzindo força e movimento. Os músculos que funcionam pelo ato de contração e extensão de suas fibras podem ser equiparados a um motor ao proferir ao corpo a capacidade de se movimentar. Embora trabalhem de maneiras diferenciadas, o sistema operacional muscular opera metaforicamente do mesmo modo que o sistema do motor de um carro: converte energia em movimento.

Na primeira imagem da Figura 3, a relação é conferida às funções elencadas sob o bombeamento/adrenalina. A ação proferida pelo bombeamento tem por intuito fornecer energia a um fluido (combustível) de modo a elevá-lo à conversão de energia mecânica à cinética (ou de movimento) através de um motor. Deste modo, o bombeamento pode ser definido como o ato de adicionar energia a um fluido com o desígnio de movê-lo de um ponto para outro.<sup>12</sup> Em contrapartida, a adrenalina/epinefrina, diferentemente de uma ação em si, é uma substância (um hormônio) que atua como estímulo ao coração (aumenta os batimentos cardíacos – o bombeamento do sangue), estimula a vaso constrição, eleva a pressão arterial, libera a glicose armazenada no fígado, relaxa alguns músculos involuntários ao mesmo momento que contrai alguns outros.

A adrenalina tem sua importância para a manutenção da vida, assim como o bombeamento – a queima de combustível – têm sua importância dando “vida” a uma máquina. Em

condições normais, a presença dessa substância no sangue (fluido humano) é muito pequena, no entanto, nos momentos de excitação (medo, euforia) ou estresse emocional é secretada uma grande quantidade de adrenalina para atuar em determinadas partes do corpo, como nervos e músculos, de modo a prepará-las para o esforço físico.

Assim, embora enquadrados em contextos distintos (humano/máquina, natural/artificial etc.), tais níveis e funções exercidas pelas “peças” destacadas (motor – músculos) se pareiam, na medida em que o bombeamento do motor e a reação da adrenalina no corpo/músculos são os agentes que acionam sistemas que se colocam a cumprir funções vitais como na transformação de energias que coadunam no ato de se movimentar.

O corpo enquanto um conjunto de sistemas mecânicos e fisiológicos, uma máquina perfeita, passou a ser estudado em suas minúcias para atuar com eficiência e superar seus limites naturais na criação de leis e técnicas que expliquem e auxiliem na maximização do rendimento (a quebra constante de recordes etc.). O corpo-atleta tem sido tratado, neste sentido, como uma verdadeira máquina humana capaz de performances espetaculares.

Tal ideia provém do discurso dualista que categoriza o corpo como objeto, um complexo habitável de símbolos. O corpo-máquina (ou o corpo anatomizado), curiosamente carregando um sentido de máquina bem ajustada, amorosamente supervisionada, foi absorvido paradigmaticamente como aquele confiável e pleno de vitalidade. Neste sentido, um eco do ato anatômico confere um privilégio de valor metafórico.

A velocidade e ou/ o tempo de reação é a segunda temática sobre a qual nos dispusemos a dissertar a partir das constatações apresentadas. Enquadrada no ramo das capacidades físicas, a velocidade faz referência aos níveis de deslocamento de um corpo em um determinado tempo e espaço. Apresentados sob a forma de metros/segundo, os números nas imagens conferem o tempo de reação do atleta, que pode partir de um estímulo (tátil, visual ou auditivo) – a depender do caso – e o espaço que ele percorre em uma fração de tempo. Do mesmo modo apresentam o veículo aferidos sob a unidade de milhas/segundo, bem como a função “modo de partida” que age perfeitamente no momento de seu lançamento.



**Figura 4:** Velocidade/tempo de reação.

**Fonte:** Recorte e manipulação do anúncio feita pelos autores.

Os pés/pernas do atleta e a parte traseira do carro são colocados em ênfase em tais imagens. Durante uma corrida, o bloco de partida, no qual o atleta encontra-se posicionado na imagem, é responsável por lançar/impulsionar o atleta no momento da arrancada para que o mesmo alcance um alto nível de velocidade mais rapidamente. Talvez esse seja mais um ponto metafórico implícito que aproxima uma relação entre Bolt, o atleta, e o superesportivo, GT-R, já que, como é possível conferir nas imagens, o carro também apresenta um “modo de partida” capaz de lançá-lo perfeitamente, mesma função atribuída ao “bloco de partida”.

Medir, mensurar, quantificar... A métrica passa a assumir centralidade com o advento das tecnologias que manipulam o corpo. Nos programas de dieta mede-se a quantidade calórica e o percentual de gordura e nos programas de saúde percebemos que “todo um vocabulário médico-fiscalista baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol, tônus muscular, capacidade aeróbica populariza-se e adquire uma conotação ‘quase moral’, fornecendo os critérios de avaliação individual”.<sup>12</sup> Nas performances esportivas, nos testes físicos... – nada escapa ao número. Para Soares:<sup>14:76</sup>

A medida inaugura um modelo de olhar e ao mesmo tempo um modo de intervir, materializando com intensidade, e quase mecanicamente, os processos de conformação dos corpos [...] Medir torna-se, de fato, a ação e a intenção primeira para domesticar o corpo e enquadrá-lo em supostas normalidades. Medir o peso, a força, a resistência, a velocidade, a flexibilidade, e hoje mais intensivamente, medir os índices de massa corporal [...].

Contudo, além das relações simbólicas dispostas nas imagens que podem nos conferir outras tantas interpretações, a velocidade e tempo de reação, apesar de serem medidas em

unidades diferenciadas, tratam-se de mais um fator de verossimilhança entre o homem Bolt e a máquina Nissan GT-R. Medir e quantificar níveis de modo geral – independentemente da especificidade – é método que se confere por uma ordem comparativa e relativa.

A terceira temática foi pautada sobre os níveis da performance que muitas vezes é subvertida aos níveis da aerodinâmica. Nos automóveis, os resultados podem ser avantajados a partir de seus contornos, da constituição de uma arquitetura que possibilita uma redução quantitativa dos níveis resistidos pelo ar, ou seja, os carros são projetados a partir de princípios que viabilizam o aperfeiçoamento de seu desempenho. Do mesmo modo, as tecnologias, entre outros aspectos, estão postas para agir sobre o corpo, em particular, sobre o seu desenvolvimento performático.



**Figura 5:** Performance/aerodinâmica.

**Fonte:** Recorte e manipulação do anúncio feita pelos autores.

Difusor, para-choque de ventilação, nervuras adicionais, sapatos leves e personalizados, roupas *dri-fit*, foco, relaxamento e confiança são os “acessórios” complementares pautados para auxiliar em tal processo e que conferem mais uma vez os elementos metafóricos que constituem outras aproximações entre homem e máquina. Frases que acompanham o anúncio estão postas de modo a conferir reforço às ideias e minuciosidades apresentadas pela figura. “Melhorou o coeficiente...” e “Desempenho melhorado...” são momentos que atribuem valores aos elementos/acessórios citados provedores do alcance de níveis performáticos mais elevados.

É nesta perspectiva que a ciência desmembra o corpo humano, tomando-o como um conjunto de peças (órgãos) para estudá-lo melhor e avançar no sentido de potencializar o mesmo para além de suas condições naturais. A constituição ontológica de corpo como máquina autoriza a potencialização de um trabalho mecanizado que permite a

subordinação do homem à ciência e à técnica, assim como à lógica da taylorização<sup>2</sup>. A este respeito, menciona Partisans:<sup>15</sup> “El robot del deporte está a punto de nacer”.

A ciência fornece os elementos que permitirão um controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica. Melhorar o funcionamento dessa máquina depende do conhecimento que se tem de seu funcionamento e das técnicas corporais que construo com base nesse conhecimento.<sup>15-16:103</sup>

No quarto e último momento de contraposições apresentadas no anúncio capazes de significar as nossas metáforas, são destacados os records, os prêmios e os títulos já conquistados tanto pelo atleta Usain Bolt quanto pela máquina GT-R. Em um primeiro momento é colocada em foco a ideia de que “absolutamente não há competição” entre ambos. Esta se trata de uma afirmativa certificada a partir das informações apresentadas de forma explícita na figura seguinte – mas que veio sendo conferida desde as imagens anteriores no percurso do anúncio a partir dos dados medidos e comparados – que apresentam, por ano, a listagem dos principais records, prêmios e títulos conquistados por eles.



**Figura 6:** Recordes, Títulos e Prêmios .

**Fonte:** Recorte e manipulação do anúncio feita pelos autores.

De um lado, o organismo – carne e subjetivação – que aos poucos se torna, em vários aspectos, “artificial”; por outro lado, a máquina, um amontoado de engrenagens que aos poucos simula características humanas. Máquinas atléticas fabricadas e subjetivadas, magníficos seres orgânicos criados em laboratórios. Neste sentido, Kunzru<sup>17:26</sup> cita que:

<sup>2</sup> A taylorização é um modelo de produção desenvolvido por Frederick W. Taylor (1856-1915). É um método que tem sua base no controle do tempo e dos movimentos visando a padronização e a fragmentação, a fim, de se obter uma redução de perdas e um aumento de produtividade/performance.



Vencer os Jogos Olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo. Tem a ver com a ciborguização de atletas por meio de drogas e da **manipulação genética** para melhorar a performance (Grifo nosso).

As mudanças na concepção de ciências mudaram também os modos de se ver o humano. Hoje estamos na era da robótica e do ciborgue<sup>3</sup>, a ciência em relação ao homem máquina evolui a passos largos e já se pensa na eliminação do corpo humano, projeta-se a sua reconstrução até seu desaparecimento. A engenharia genética e a robótica têm planos neste sentido. “Muitos autores vêm hoje com júbilo chegar o momento abençoado do tempo ‘pós-biológico’, ou ‘pós-evolucionista’, ‘pós-orgânico’ – em suma, o fim do corpo”.<sup>7</sup>

Esse imaginário tecnocientífico é um pensamento radical da suspeita; ele instrui o processo do corpo por meio da constatação da precariedade da carne, de se sua falta de durabilidade, de sua imperfeição na apreensão sensorial do mundo, da doença e da dor que o atingem, do envelhecimento inelutável das funções e dos órgãos, da ausência de seus desempenhos e da morte que sempre o ameaça.<sup>7:16</sup>

Parece que estamos próximos de nos livrar do corpo. E se isso acontecer, estaremos livres de todo mal das precariedades de nossa carne, dos limites impostos por ela. Estaríamos entrando numa nova era em que não mais o dualismo corpo e mente se oporiam, seria agora a oposição do corpo em relação ao próprio sujeito.

“Can’t be beat” (“Não pode ser derrotado”) é a frase que encerra o anúncio. Disputando sobre as pistas, o GT-R e Bolt são colocados em patamares semelhantes. A partir da constatação das verossimilhanças aparentes e da incapacidade de competirem entre si (por serem idênticos), foram forjados os elementos que nos permitem averiguar e constituir simbolicamente as metáforas entre o homem e a máquina a partir de figuras pautadas e das temáticas transcorridas.

Entendendo a imagem como uma complexa representação de signos, tal interpretação e a analogia acima citada foram pensadas a partir da ideia de que a mente é capaz de criar, a partir de signos externos, outros signos equivalentes ou até mais desenvolvidos. Sendo assim, à guisa de síntese, compreendemos o corpo como ente construído por meio de

---

<sup>3</sup>O termo ciborgue deriva de cyborg, que é a abreviatura de cybernetic organism. Kybernetes vem do grego, que significa “o homem que dirige”.

interações de significados no interior de um determinado contexto que a ele atribui sentidos. Essa produção pode se dar a partir de formalismos mais objetivos ou num plano mais simbólico e subjetivo. Para Bártolo,<sup>3</sup> onde se encontra um corpo dever-se-á encontrar também uma rede de relações instrumentais, uma série em funcionamento, de operadores epistêmicos, uma lógica de produção que é, antes de qualquer coisa, produção de sentido, de um determinado sentido legitimador da rede de relações, do funcionamento dos operadores, do próprio procedimento das lógicas produtivas.

“Toda imagem, mesmo aquela tornada mais asséptica, a mais rigorosamente sujeitada ao signo, suscita no homem um apelo do imaginário”.<sup>12</sup> A capacidade mental de decodificar as mensagens inscritas nos incitou a estabelecer alguns sentidos em relação à disposição das imagens. Ao realizar essas reflexões, consideramos que a significação se coloca entre o “poder de vir a ser” do sentido, na medida em que não é possível apreender o sentido em si, mas tão somente explicitar uma significação que pode ou não estar de acordo com o sentido real.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A publicidade, dentre as suas inúmeras estratégias, tem buscado realizar associações entre valores de um determinado produto à partir daqueles proferidos por celebridades. Sob uma perspectiva sîgnica, são feitas as devidas transferências através de um jogo pautado na manipulação emocional e simbólica, a fim de alavancar a venda de produtos de consumo. Conferir personalidade ao produto para que o consumidor adquira um signo identitário através dele integra uma estratégia em termos táticos de venda.

No anúncio publicitário analisado, o atleta Usain Bolt, o “homem mais rápido do mundo”, foi associado a um carro superesportivo (Nissan GT-R) lançado em sua versão 2013. Assim, aponta relações e metáforas, expostas pelas palavras e pelas imagens presentes no anúncio sobre o corpo-máquina. As imagens apresentadas pelo anúncio ofereceram os signos que propiciaram a pauta dessignificação metafórica a partir de quatro temas: 1) perspectivas mecânicas e anatômicas; 2) velocidade e aerodinâmica; 3) performance e suas tecnologias; 4) recordes, títulos e prêmios. Utilizando-se de métodos elencados pela “análise fílmica”, dividimos a parte de discussão em dois momentos, a saber: fragmentação/descrição e reconstrução/interpretação. Assim, foi possível alcançar a

proposta desenvolvida pelo objetivo da pesquisa que foi analisar os elementos metafóricos do anúncio publicitário da Nissan capazes de conferir a relação entre corpo e máquina através da manipulação simbólica do atleta/velocista Usain Bolt e do carro superesportivo Nissan GT-R, respectivamente.

A apropriação do ser humano por meio da ciência e da técnica o fez um imperativo da modernidade. A tecnologia transformou este ser em produto que impulsiona a produção de tantos outros. Toda essa relação entre ciência e tecnologia se dá em consonância com a racionalização do sistema de produção na sociedade. É esse o argumento que também justifica a utilização de Usain Bolt no contexto de um produto publicitário/midiático.

As analogias e metáforas entre “corpo e máquina” historicamente construídas vêm nos mostrar que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e fora dos signos sociais – linguagem. Não há sujeito sem cultura, nem cultura fora de uma estrutura mediada por saberes – ciência/tecnologia. Enquanto seres de cultura, estamos envoltos por operadores de sentido, poucos entre nós estamos atentos em saber o que de nós é “feito” e o que em nós é “desfeito”.

## REFERÊNCIAS

<sup>1</sup>FERRÉS, J. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

<sup>2</sup>VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Caderno Cedes**, Campinas, ano 9, n. 48, Ago. 1999.

<sup>3</sup>FENSTERSEIFER, P. E. **A Educação Física na crise da modernidade**. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2001.

<sup>4</sup>SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

<sup>5</sup>MENDES, M. I. B. S. **Mens sana in corpore sano**: compreensão de corpo, saúde e educação física. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

<sup>6</sup>LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

<sup>7</sup>FENSTERSEIFER, P. E. Corpo e linguagem. In: STREY, M.N.; CABEDA, S.T.L. (Org.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 289-303.

<sup>8</sup>MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>9</sup>MEZZAROBBA, C.; MENDES, D. S.; PIRES, G. D. L. Grandes eventos esportivos, mídia e representações: possibilidades/responsabilidades para a Educação Física escolar. In: DANTAS JUNIOR, H.S.; KUHN, R.; DORENSKI, S. (Org.). **Educação Física, esporte e sociedade**: temas emergentes. São Cristóvão: Ed. da UFS, 2010. v. 4.

<sup>10</sup>VANOYE, F.; GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.

<sup>11</sup>SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados: Florianópolis: UFSC, 2001.

<sup>12</sup>OLIVEIRA, G.A.; COELHO, L. P. P. P.; OLIVEIRA JÚNIOR, M. M. 5º laboratório: estudo da eficiência energética de sistemas de bombeamento. Uberlândia, FEMEC, 2009. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAqPEAL/estudo-eficiencia-energetica-sistemas-bombeamento>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

<sup>13</sup>BRACHT, V. Educação Física & saúde coletiva: reflexões pedagógicas. In: FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M.; GOMES, I. M. **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 155-197.

<sup>14</sup>SOARES, C. L. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 75-86.

<sup>15</sup>PARTISANS, J. **Deporte, cultura y represión**. Barcelona, Editorial Gustavo Gil, 1978.

Recebido em: 07 jul. 2014  
Aceito em: 02 jun. 2015  
Contato: zobolito@gmail.com